

PREFÁCIO A *ELE E O OUTRO*, DE HERMAN HESSE

Hermann Hesse, nascido em 1877, em Calw, pequena cidade do Württemberg, na Alemanha, descendente de pastores protestantes e missionários na Índia, criado em ambiente de escrupuloso pietismo, cedo – por volta dos treze anos – descobriu a sua vocação de poeta. Na adolescência viveu dias difíceis em oposição aos planos familiares que o destinavam à carreira teológica, tradicionalmente seguida pelos jovens bem dotados da Suábia, no célebre seminário de Maulbronn, e, depois, em Tubinga, por onde, também, um século antes, passaram Hölderlin, Hegel e muitos outros.

Fiel a si próprio e rebelde a imposições desvitantes do seu destino, em busca obstinada de autenticidade – ou «Eigensinn», assim a nomeara e exaltara –, começou a vida responsável como livreiro em Tubinga e em Basileia, firmando a possibilidade de inteira dedicação à poesia e à literatura. O livro *Peter Camenzind* é o primeiro sucesso, que não só o torna conhecido, mas lhe garante posição como escritor. Até à Primeira Grande Guerra viveu em aparente normalidade burguesa, viajou pela Índia, para onde fora impelido, talvez, por curiosidade originada na infância e pelas recordações da casa paterna.

A guerra marca o mais decisivo ponto na sua carreira e opera a segunda crise depois da adolescência. Empenhado na tarefa de auxílio aos prisioneiros e aos feridos, a sua atitude pacifista não foi compreendida pelos nacionalistas seus compatriotas. Terminada a guerra, inicia uma fase de recolhimento em uma pequena vila do Tessino, fase ascética em inteiro apego e dedicação aos únicos valores que conseguiu salvar: poesia e espírito. *Demian*, a obra que, segundo Tomás Mann, atingiu o nervo da época, tal como o *Werther* atingira o do seu tempo, conseguiu a mais larga repercussão na juventude alemã. A *Demian* segue-se *Klein und Wagner* – a obra agora apresentada ao público português com o título *Ele e o Outro* –, *Klingsor*, *Siddhartha*, *Narziss und Goldmund*, *Steppenwolf*, *Morgenlandfahrt*, série de obras que culmina com *Glasperlenspiel*, em 1943.

Em 1946, o Prémio Nobel presta homenagem e chama a atenção do mundo para uma obra de alto significado humano, poético e metafísico, até então pouco conhecida no estrangeiro, devido ao afastamento do seu autor dos centros de vida literária convivente e a aversão pela publicidade. Desde então, a tradução em diferentes línguas tornou conhecido o escritor, que um dia afirmara repulsa pela vida pública e considerava digna de defesa a vida privada – que infelizmente para o homem nunca pode ser suficientemente privada, isto é, vivida em intimização recriadora. Como poeta e pensador, a sua obra é a valorização da dignidade da solidão, da vida interior com os seus abismos, mas sempre redentora, quando se compreende e se perdoa.

A criação de símbolos garantidos pela severa exigência de sinceridade, veracidade e fidelidade determina a obra poética deste grande artista, consciente como poucos da tarefa que se impõe ao escritor, e que já fora preconizada por Nietzsche, um dos signos – outro é Dostoievski, e outro é Goethe, e outro é constituído pelos românticos alemães – que orienta a sua obra de poeta e romancista, em oposição aos dogmatismos e convencionalismos de toda e qualquer moral heteronómica e em defesa da personalidade livre e autêntica. É esse o caminho tormentoso mas iluminado, em profunda veneração pelo mistério, pleno de revelação e conquista espiritual, que a sua obra nos oferece em típica alternância de desolação e esperança, de desespero e compreensão harmoniosa.

Eis o fulcro central da sua obra: a alternância da luta entre a vida e o espírito, o demoníaco e o divino, a bipolaridade real e simbólica que anseia pela unidade, aquela unidade não teórica mas prática que anuncia a sagesa de Lao-Tseu, de Confúcio, do Bhagavad-Gita, dos provérbios de Dschuang Dsi e das parábolas de Jesus – unidade que cada um pode encontrar dentro de si em momentos de graça e de desgraça. Por esta sumária indicação se reconhece a estirpe de pensadores de que Hermann Hesse é familiar. Otto Engel cita na tradição ocidental: Heraclito, Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Hegel e os românticos; mas a grande fonte de revelação formativa foi a antiga sagesa oriental, hindu e chinesa, propiciadora da compreensão profunda do cristianismo.

O valor da obra de Hermann Hesse reside na criação de símbolos válidos para a interpretação do homem da nossa época em decadência, em afastamento dos valores de interiorização, de compreensão e de fidelidade à tarefa de vigeil autoconhecimento, através da experiência vivida ou imaginada. A situação do homem no mundo, a dupla postulação que o solicita na busca de coincidência dos opostos, a bivalente participação no mistério da natureza e na sublimidade do espírito, encontram em Hesse expressão poética, plástica e musical, que, tanto no dionisíaco como no apolíneo, a transparência cristalina do seu estilo traduz de forma insuperável.

O tema recorrente da maior parte dos seus livros é a dualidade típica e inesgotável, expressa no diálogo do «eu» e do «tu», nas relações de amizade entre figuras-símbolo do humano em processo formativo, tradicional na literatura alemã desde o Wilhelm Meister ao *Offerdingen* e ao *Hyperion*. O motivo da amizade na obra de Hesse toma aspectos de relação mistagógica e pedagógica. Em *Ele e o Outro*, essa relação é igualmente patente em processo de desdobramento da personalidade. Klein, o homem pequeno, isto é, o homem que vive a vida convencional e alienada na vulgaridade, o homem em sacrifício permanente às formas impostas da inautenticidade quotidiana, empreende a libertação do automatismo social e revolta-se contra a igualdade anónima e inglória para se lançar na aventura dolorosa do «segundo nascimento».

Empreende a libertação da má consciência de criminoso, em busca de harmonia factícia, e não apenas fictícia, atento à voz interior, cujo assomo violentamente até então recalcava e desatendia, quando não incriminava e verberava em inconsciente hipocrisia. E a história que este livro nos conta é a trágica aventura no acesso ao mais-humano, através da ambivalência que em si o homem sente e que termina pela morte nas águas, quando já não resta nenhuma outra forma de recuperação da almejada harmonia. Única conclusão possível e única resposta autêntica a quem antes não fora concedida a revelação da total aquiescência à dor e ao sofrimento que, enfim, só consegue na grandiosa visão que acompanha a morte.

Exceptuando um dos seus primeiros romances – *Unterrn Rad* –, é este, aliás, o único livro do seu período culminante em que o herói se suicida, embora em alguns outros a morte nas águas ateste flagrantemente o sentido mítico do regresso à mãe, à origem maternal. Parece-nos poder concluir, para além da aventura perigosa que este livro descreve, que a missão do homem consiste em arrancar de si a pequenez, em deixar de ser Klein – e também Wagner, contraponto adjuvante do encontro próprio –, para se tornar testemunho do mundo de verdade, cuja falsificada interpretação pode ser aniquilante e fatal, como fatal e aniquilante se tomou para aquele que demasiado tarde encontrou a revelação original, e já não pôde, em defesa própria, encontrar a coincidência possível entre os opostos impossíveis a que fora sucessivamente arremessado.

Tal nos parece ser o sentido profundo desta obra de Hermann Hesse, apresentada em cuidada tradução ao leitor português, e cuja publicação, combinada pessoalmente com o Autor em sua casa de Montagnola, na Suíça, em 1948, só agora encontrou editor em Portugal.